



TEXTO ORIGINAL: INGLÊS

RETIRO

Segunda-feira, 30 de setembro de 2024

P. Timothy Radcliffe OP

A sala trancada

João 20. 19 – 29

Esta manhã vimos os discípulos correndo no escuro, em busca do Senhor. O Discípulo Amado vê e crê. É madrugada. Agora é noite e estamos de volta à escuridão, e eles estão imobilizados no quarto trancado.

A manhã estava escura no início porque ainda não tinham encontrado o Senhor Ressuscitado. A noite está escura porque ainda não estão cheios do Espírito Santo, sopro vivo do Senhor Ressuscitado. Jesus irrompeu do túmulo vazio. Eles ainda estão na tumba da sala trancada. Gênesis diz que no princípio, ‘o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o sopro da vida¹; e o homem tornou-se um ser vivente.’ (2.7). Agora Jesus lhes dá o sopro de vida eterna: ‘Recebam o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, eles serão perdoados; aqueles a quem não perdoardes lhes serão retidos.’ Eles compartilham sua vida ressuscitada e, portanto, estão prontos para serem enviados para pregar.

Esta manhã vimos que a missão da Igreja Sinodal nos chama a ser como Maria Madalena, a Discípula Amada, e Pedro, aqueles que procuram o Senhor Ressuscitado. Da mesma forma, devemos estar próximos dos buscadores do nosso tempo. Mas só nos tornaremos pregadores da Ressurreição se estivermos vivos em Deus. Agora acreditaremos em um zumbi. Lembre-se de Irineu, *Gloria Dei, homo vivens*; a glória de Deus é um ser humano plenamente vivo. Como Lázaro, ouvimos a voz do Senhor nos convocando para fora de nossos quartos trancados: ‘Saia e viva’.

Santidade é estar vivo em Deus. Um primo de Charles de Foucauld, muito dado aos prazeres de comer e beber, descreve uma visita de Charles que regressou a Paris para uma breve visita após anos de vida no Saara: ‘Ele entrou na sala e a paz entrou com ele . O brilho dos seus olhos e principalmente aquele sorriso tão humilde tomaram conta de toda a sua pessoa....Emanava dele uma alegria incrível...Eu, que ao ver que toda a minha soma de satisfações não pesava mais que uma ínfima fração em comparação com o felicidade completa do asceta, descobri crescendo dentro de mim um estranho sentimento não de inveja, mas de respeito². Dizia-se de Santa Teresa de Ávila que “ela tinha uma consciência arrebatadora de uma vida para além de si mesma³”. Ou pense em Carlo Acutis, um belo adolescente italiano que jogava videogames. A geração do milênio pode ver aqui alguém de sua própria geração que está verdadeiramente vivo. Portanto, o desafio para nós é ajudar uns aos outros a respirar profundamente o ar rejuvenescedor do Espírito Santo! Um pequeno desafio para mim agora em meu octogésimo ano!

¹ Não aqui Ruah mas neshama.

² Fergus FLEMING, *The Sword and the Cross*, Londres 2003, p. 235f.

³ George ELIOT, *The Prelude to Middlemarch*, publicado pela primeira vez em 1871.

A primeira tarefa da liderança é conduzir o rebanho para fora dos pequenos currais para o ar fresco do Espírito Santo. A liderança abre as portas trancadas de salas abafadas. Os discípulos estão aprisionados pelo medo. Então pensemos nos medos que podem nos impedir de nos tornarmos vivos em Deus, e assim, pregadores do evangelho da vida abundante.

Todos nós conhecemos o medo de nos machucar. Alguns de nós chegamos a esta Assembleia nervosos por não encontrarmos reconhecimento e aceitação. Nossas preciosas esperanças para a Igreja podem ser desprezadas. Podemos nos sentir invisíveis. Ousamos falar e corremos o risco de ser rejeitados? Se você não está acostumado com este mundo do Vaticano, com seus títulos grandiosos e roupas estranhas, pode ser intimidante. Ousamos correr o risco de nos machucarmos, porque o Senhor Ressuscitado está ferido. Ele mostra-lhes as mãos e o lado.

O Prefácio Pascal vai mais longe e proclama: “ele vive morto para sempre”; *'sed sempre vivit occisus.'* Lembre-se daquelas palavras do meu irmão Herbert McCabe: ‘Se você ama, será ferido e até morto. Se você não ama, você já está morto’. Tornar-se vivo em Deus significa não ter medo das feridas.

Nosso priorado em Jerusalém está situado perto da Porta de Damasco. Este é um lugar tenso onde a Cidade Velha se abre para o bairro árabe. Um grupo de jovens judeus estava ali, com os olhos vendados, oferecendo “abraços grátis” a quem quisesse. Amor gratuito diante do ódio gratuito. Correram o risco de que em vez de um abraço pudessem receber um golpe de faca.

Alan Paton foi um romancista sul-africano que fez campanha corajosamente contra o apartheid. Um de seus personagens diz: “Quando eu subir ao céu, o que certamente pretendo fazer, o Grande Juiz me dirá: “Onde estão suas feridas?” E se eu disser que não tenho nenhuma, ele dirá “Não havia nada pelo que lutar?”⁴

Nas Filipinas, conheci uma mulher que sofria de lepra. Durante a maior parte de sua vida ela viveu em um leprosário administrado por um ramo da Ordem Dominicana, os irmãos de São Martinho. Muitos deles também sofrem de lepra. Ela tinha medo de sair do local, mesmo depois de curada. As pessoas veriam suas cicatrizes e ficariam com medo, e por isso ela permaneceu presa lá dentro. E um dia ela se atreveu a aventurar-se lá fora e descobriu uma nova missão, viajar por toda a Ásia, convidando pessoas que sofriam de lepra a sair e viver.

Podemos correr o risco de sermos feridos porque o Senhor nos deu a sua paz. O filme *Des dieux et des hommes* (Homens e deuses) conta a história dos monges trapistas que se recusaram a fugir da Argélia quando a violência terrorista eclodiu na década de 1990. Frei Luc, o antigo médico da comunidade, diz: "Não tenho medo da morte, sou um homem livre." (Je ne crains pas la mort, je suis un homme libre'). No antigo rito dominicano de durante a missa, o sacerdote beijava o cálice do sangue derramado de Cristo antes de oferecer a saudação de paz.

A primeira criação começou com ‘haja luz’. A Nova Criação começa com ‘haja paz’. Mahatma Gandhi tinha uma imagem de Jesus em seu quarto com a citação de Efésios “Ele é a nossa paz” (2.14). Jesus é o sábado de Deus. Na Igreja primitiva, “in pace” estava escrito nos túmulos cristãos. Somos batizados na paz de Cristo que nada pode destruir. Não precisamos ter medo de nada.

No final dos anos 60, a minha comunidade dominicana em Oxford foi atacada por um grupo maluco. Não os jesuítas! Às 2h, duas pequenas bombas explodiram todas as janelas da frente do priorado. Fomos todos acordados e descemos correndo. Vieram a polícia e as ambulâncias. Só o prior, Fergus Kerr, ainda dormia profundamente. O noviço mais jovem foi ao seu quarto chamá-lo. ‘Fergus, Fergus, acorde, houve um ataque a bomba.’ ‘Alguém morto?’ ‘Não’. ‘Alguém ferido?’ ‘Não.’ ‘Vá embora e me deixe dormir. Pensaremos nisso pela manhã.’ Minha primeira lição de liderança.

A vitória está conquistada. Quando seus algozes vieram buscar Dietrich Bonhoeffer, sua última mensagem para seu amigo, o bispo Bell de Chichester, foi: 'Diga ao bispo... nossa vitória é

⁴ Alan PATON, *Ah, But your Land is Beautiful*, Vintage/Ebury, Londres, 2002, pp. 66-67.

certa.' O dinheiro, a Igreja pode explodir! Mas Cristo morreu, Cristo ressuscitou e Cristo voltará.

A paz de Deus não significa que nos sentimos em paz. Meu colega noviço Simon Tugwell, OP escreveu: 'Não é uma sensação subjetiva de paz que é necessária; se estivermos em Cristo, podemos estar em paz (no ritmo) e, portanto, tranquilos, mesmo quando não sentimos paz⁵. Talvez para muitos de nós o desafio mais profundo seja estar em paz conosco mesmo. Será que ousamos olhar para os nossos próprios corações perturbados e divididos, para as partes de nós mesmos que não gostamos? A tentação é projetar nos outros aquilo que tememos e não gostamos em nós mesmos. Tugwell novamente: 'a paz vem com um autoconhecimento irrestrito.....O caminho para a paz é a aceitação da verdade. Qualquer pedaço de nós que nos recusarmos a aceitar será nosso inimigo, forçando-nos a posturas defensivas. E os pedaços descartados de nós mesmos encontrarão rapidamente encarnação naqueles que nos rodeiam⁶. O nosso amor feroz pela Igreja também pode, paradoxalmente, tornar-nos tacanhos: o medo de que ela seja prejudicada por reformas destrutivas que minam as tradições que amamos. Ou o medo de que a Igreja não se torne a casa aberta que desejamos. É profundamente triste que muitas vezes a Igreja seja ferida por aqueles que a amam, mas de forma diferente! Santo Efraim disse que a Igreja Católica é "a grande Igreja com o colo grande"⁷. Conheci um teólogo luterano alemão que ensinava em Oxford e ele disse: 'Temo que os católicos estejam se tornando protestantes.' Às vezes esquecemos a amplitude do catolicismo, com o seu ambos/e. A verdade que amamos é, como escreveu o bispo Robert Barron, "tão ampla no universo e tão específica quanto a pessoa de Jesus"⁸. O amor perfeito expulsa o medo. Deixemos que isso afaste o medo daqueles cujas visões de Igreja são diferentes. A Igreja está nas mãos do Senhor, e Ele prometeu que as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

Durante a era napoleônica, um perturbado monsenhor veio ansiosamente ver o Secretário de Estado, Cardeal Consalvi, e disse: 'Vossa Eminência, a situação é muito grave. Napoleão deseja destruir a Igreja.' Ao que o Cardeal respondeu: 'Nem mesmo nós conseguimos fazer isso!'

O nosso próprio amor pela Igreja, de formas totalmente diferentes, pode fechar-nos num mundo estreito, olhando para os nossos umbigos eclesiais, observando os outros, prontos a detectar os seus desvios e a denunciá-los. O Papa Francisco, antes da sua eleição, disse que o Senhor viria bater à porta e exigiria que o deixassem sair da sacristia! É claro que há mudanças pelas quais alguns de nós ansiamos, mas não deixemos que isso nos prenda dentro do nosso pequeno mundo eclesial. Seremos chatos! Deus é revelado no topo das montanhas com horizontes ilimitados e fora do acampamento.

A nossa libertação destas salas não precisa apenas de coragem, mas do perdão curador de Deus. O Senhor Ressuscitado diz: 'Aqueles pecados que você perdoa, eles serão perdoados; aqueles que você retém, eles serão retidos.'

O pecado tranca-nos nas prisões do narcisismo e da política partidária, como o filho mais velho que fica de mau humor e não se junta à festa para receber em casa o seu irmão pródigo. Herbert McCabe novamente: 'Nossa própria natureza nos chama para algo novo e assustador... Somos o tipo de ser que encontra sua realização, sua felicidade e florescimento apenas ao desistir de si mesmo e ir além de si mesmo. Precisamos nos perder no amor; é isso que tememos. Somos convocados a nos aventurar no desconhecido, a abandonar o que é familiar e seguro e a partir em uma jornada ou busca. E ainda assim não gostamos de correr riscos. Nós nos contentamos

⁵ Simon TUGWELL OP, *Reflections on the Beatitudes*, Darton Longman and Todd, Londres, 1980, p.114.

⁶ Cf. *Ibid.*, p. 112.

⁷ Citado em Simon TUGWELL "Scholarship, sanctity and spirituality", *Communio* 11/1 (1984), p. 53

⁸ Michael HEHER, *The Lost Art of Walking on Water: Reimagining the Priesthood*, Mahwah, Paulist Press, 2004 p.132.

com a pessoa que conquistamos ou construímos porque temos medo de sermos feitos à imagem de Deus. Esta falha em responder ao chamado para a vida, esta falha na fé, é chamada de pecado⁹.

Portanto, este Sínodo não é um lugar de negociações sobre mudanças estruturais, mas de escolha de vida, de conversão e de perdão. O Senhor chama-nos para fora dos pequenos lugares onde nos refugiamos e onde aprisionamos outros. O hino composto por Frederick Faber, oradoriano do século XIX, proclama:

‘Há uma amplitude na misericórdia de Deus, como a amplitude do mar.’

Rezemos para que a paz de Cristo derreta a violência que habita nos nossos corações e que crucificou Nosso Senhor. Dorothy Day afirmou que “a grande luta é mais contra a violência do que contra o ateísmo¹⁰.” Ela disse: ‘Os cristãos, quando procuram defender a sua fé pelas armas, pela força e pela violência, são como aqueles que disseram a Nosso Senhor: “Desce da Cruz. Se você é Filho de Deus, salve-se”¹¹. Portanto, neste Sínodo, superemos toda a violência em nossos corações: pensamentos e palavras violentas. Nossa cultura global cultiva uma imaginação violenta. “Aos 18 anos, os jovens americanos terão, em média, testemunhado nos meios de comunicação social 200.000 atos de violência e 16.000 assassinatos¹². Muitas vezes, estes são glamorizados ou tratados como humorísticos. A violência é normalizada e até parece inofensiva quando se ataca inimigos demoníacos em videogames. Este entretenimento aparentemente inocente alimenta uma imaginação violenta que não tem culpa na destruição porque no mundo cibernético nada é real¹³.

O Corpo de Cristo é desfigurado por sites venenosos, cheios de acusações cruéis, caricaturas e ódio. Qualquer pessoa que exerça qualquer forma de liderança na Igreja terá experimentado isso. Fui acusado, como Mestre da Ordem, de ter dado permissão a um provincial para viver com sua amante, uma freira, num vagão de trem!

Nosso mundo violento priva muitas pessoas até mesmo do sopro de vida. O pecado do racismo, por exemplo, literalmente impede as pessoas de respirar. “Não consigo respirar” foram as últimas palavras de um afro-americano, Eric Garner, repetidas onze vezes e gravadas nos telefones de espectadores enquanto era sufocado até à morte pela polícia em Staten Island, Nova Iorque, há dez anos. Estas palavras tornaram-se o grito de guerra dos afro-americanos, um símbolo da sua opressão. Foram também as últimas palavras de Jamal Khashoggi, o jornalista saudita que foi assassinado no consulado do seu país na Turquia, em 2 de outubro de 2018¹⁴. Vamos dar-nos uns aos outros espaço para respirar, o oxigênio do debate.

Esta paz indestrutível não significa que vivamos em perfeita harmonia. Estamos reunidos nesta Assembleia porque não a fazemos. Mas nenhuma discórdia pode destruir a nossa paz em Cristo, pois somos um Nele. Thomas Merton escreveu no seu *Asian Journal*: ‘Já somos um. Mas imaginamos que não somos. E o que temos que recuperar é a nossa unidade original. O que temos que ser é o que somos¹⁵.

Mas Tomé estava fora quando Jesus apareceu. Talvez porque ele não tivesse medo? Quando Lázaro ficou doente, ele declarou que estava disposto a subir a Jerusalém e morrer com Jesus

⁹ Herbert MCCABE, *God Matters*, Continuum, Londres - Nova Iorque, 2005, p. 94-95.

¹⁰ Dorothy DAY, *The Duty of Delight*, Marquette University, Nova Iorque, 2008, p. 943.

¹¹ *Ibid.*, p. 895.

¹² ‘Children, Violence and the Media’ A Report for Parents and Policy Makers Senate Committee on the Judiciary; Senator Orrin G. Hatch, Utah, Presidente da Comissão do Poder Judiciário Preparado pelo pessoal da maioria Comissão do Poder Judiciário do Senado, 14 de setembro de 1999.

¹³ Timothy RADCLIFFE OP, *Alive in God: A Christian Imagination*, Bloomsbury, Londres, p. 197.

¹⁴ Cf. *ibid.*, pp. 262-263.

¹⁵ Naomi BURTON et al. (eds), *The Asian Journal of Thomas Merton*, New Directions, Nova Iorque, 1973, p.308.

(11.16). Ele é apaixonado pela verdade: “Nunca, jamais, acreditarei”¹⁶ a menos que coloque meus dedos em suas feridas. E quando vê o Senhor, faz a sua confissão apaixonada: “Meu Senhor e meu Deus”. Este discípulo apaixonado também nos convida a sair da pequena sala. ‘Meu Senhor e meu Deus’. Esta é literalmente uma declaração teológica: uma palavra sobre Deus. O tema desta Assembleia é uma Igreja sinodal em missão. O cerne desta missão é transmitir o ensinamento cristão. Quando Maria Madalena é chamada pelo nome, ela responde ‘Rabbuni’, Mestre. Nas últimas palavras do Evangelho de São Mateus, Jesus envia os seus discípulos para ensinar todas as nações. Como devemos partilhar os nossos ensinamentos cristãos com um mundo sedento de significado?

Nos subúrbios pobres de Paris, os jovens católicos pedem que lhes sejam ensinadas as doutrinas da Igreja para que possam falar com os seus amigos muçulmanos sobre o que a Igreja ensina. Houve uma reunião no início deste ano: “*Assume ta foi en banlieue*”. ‘Abrace sua fé nos subúrbios’¹⁷. Os jovens têm fome da rica carne do ensinamento da Igreja. ‘Meu Senhor e meu Deus’. Eles não ficarão satisfeitos se apenas lhes oferecermos Jesus, que era um cara legal e quer que sejamos gentis uns com os outros.

Nossa sociedade é afetada por um profundo preconceito contra o dogma. Steve Jobs, cofundador da Apple, resumiu isso em seu discurso de formatura em Stanford, em 2005: “Seu tempo é limitado, então não o desperdice vivendo a vida de outra pessoa. Não fique preso ao dogma – que é viver com os resultados do pensamento de outras pessoas.” Ele estava, é claro, apenas repetindo um dogma obsoleto dos nossos tempos e não pensando por si mesmo.

G. K. Chesterton afirmou: ‘existem apenas dois tipos de pessoas, aquelas que aceitam dogmas e sabem disso, e aquelas que aceitam dogmas e não sabem disso... As árvores não têm dogmas. Os nabos têm uma mente singularmente aberta’¹⁸. Alguns dogmas do nosso tempo são, de fato, salas fechadas e sem oxigênio: o relativismo, todos os tipos de fundamentalismo, o materialismo, o nacionalismo, o cientificismo, o fundamentalismo religioso. Eles prendem as pessoas em pequenas imaginações assustadoras.

Mas os grandes ensinamentos da nossa fé, o nosso Credo em essência, abrem as portas dos nossos corações e mentes. Eles nos empurram para além das pequenas respostas e nos impulsionam na busca incessante por aquele que é o amor infinito e a verdade, que excede para sempre o nosso alcance. Quando eu era um jovem frade, no final dos anos sessenta, e tudo parecia desmoronar, a maioria de nós permaneceu na Ordem porque vislumbrou a beleza radiante do Credo, a verdade que não possuímos, mas que nos possui. Os jovens ficarão satisfeitos com nada menos.

Como podemos convidar as pessoas do nosso tempo a entrar no espaço aberto da nossa fé? Como, por exemplo, podemos tocar a sua imaginação com a gloriosa doutrina da Trindade, o ensino mais realístico e prático que existe? Para isso precisamos da ajuda dos teólogos.

Os teólogos também às vezes se retiram para a sala trancada da academia por medo de conversar com o povo de Deus. Quando estudei em Paris, ainda jovem, perguntei a outro dominicano sobre qual era o argumento de seu doutorado. Ele respondeu: ‘Meu irmão mais novo (ele era apenas um ano mais velho que eu), não vou tentar explicar. Você não entenderia.’ Vinte anos depois voltei em visita como Mestre da Ordem, vi-o e não disse nada!

É claro que precisamos de teólogos acadêmicos – exegetas, filólogos e historiadores – que nos mantenham naquilo que São Paulo chama “a obediência da fé” (Romanos 1,5). Caso contrário, usaremos as Escrituras para os nossos próprios propósitos e não para os de Deus. Mas esta dura

¹⁶ Timothy L. FOX: “Jesus’ Resurrection Appearances,” 1 November 2019:” www.modernreformation.org/resources/essays/jesus-resurrection-appearances.

¹⁷ Arnaud BEVILAQUA, ‘The Great Awakening of young Catholics on the outskirts of Paris’, *La Croix International*, 22 de março de 2024.

¹⁸ G. K. CHESTERTON, “The Mercy of Mr. Arnold Bennett” *Fancies vs. Fads*, Dodd, Mead and Company, Nova Iorque, 1923: http://www.gkc.org.uk/gkc/books/Fancies_Versis_Fads.txt.

disciplina de estudo está, em última análise, ao serviço do diálogo com os nossos contemporâneos, para os acompanhar no caminho até ao mistério infinito do amor divino. No dia seguinte à última Assembleia, o Papa Francisco apelou a uma teologia que esteja em diálogo caritativo com pessoas de outras convicções. Ele citou suas palavras aos estudantes da Universidade Católica da Argentina: “Não se contentem com uma teologia de escritório. Deixe que o seu lugar de reflexão sejam as fronteiras. [...] Os bons teólogos, como os bons pastores, também cheiram ao povo e à rua e, pela sua reflexão, derramam azeite e vinho nas feridas dos homens e das mulheres”¹⁹. A boa teologia abre as portas de salas abafadas. Como Tomé, é apaixonado e destemido. Abraça novas formas de falar, novas línguas. Uma Igreja Sinodal em missão ousa ensinar com ousadia e humildade.

¹⁹ FRANCIS, *Ad theologiam promovendam*, November 1st 2023.